

Sarney,

José

HISTÓRIA

Enquanto posso



**Jarbas
Passarinho**
ESCRITOR

Acompanhei muito pouco — e felizmente — as ocorrências lastimáveis que têm dominado o noticiário sobre o Senado, que presidi em 1981/82, e onde, representando o Pará, desfrutei três mandatos. Dez anos fora dele passei na direção de quatro ministérios da República. De onde em onde, um ou outro debate provocava minha memória e despertava o desejo de manifestar-me. Inutilmente, depois que li, num de seus constantes improvisos, o presidente da Re-

pública manifestar a suspeição que lhe causam os conceitos políticos expressados por idosos. Venci o preconceito porque posso dizer, enquanto me resta o tempo de vida que Deus me concede, porque vivi intimamente o turbulento período marcado pelo ciclo militar, no qual tive a companhia de políticos da maior envergadura moral, definidos por Marx Weber como os que “vivem para a política e não da política”. Entre eles se destacava José Sarney, cujo currículo, para nós honroso, se iniciava com a origem entre os jovens, mas já respeitados democratas da “bossa nova da UDN”. Nunca o vira contestado senão por adversários aliados a certo soba do Maranhão. Entre os que lhe são ainda aliados li algo

São dignos os que, segundo Marx Weber, “vivem para a política e não da política”

que precisa ser desmentido em protesto dos fatos históricos indesmentíveis. Sempre voltados contra os militares, ousou o declarante inventar que José Sarney se mais não fez pelo Maranhão e pelo Brasil teria sido porque sempre sofreu oposição no ciclo militar desde que, democrata incônsútil, protestou contra a edição do AI-5. Além de seu signatário, acompanhei de perto a

discussão do Ato. Protesto respeitoso que o presidente me mostrou à ler fora de cinco senadores tendo como primeiro signatário Daniel Krieger. Os radicais pressionaram ao máximo o presidente para cassar Krieger, mas ele jamais concordou. Todos continuaram na Arena. Rondon Pacheco, chefe da Casa Civil, da total confiança de Costa e Silva, me disse que nenhum outro tipo de protesto contra o AI-5 chegou ao presidente. Deve ser nisso que o intrigante levantou a falsa hipótese. Dois fatos outros destroem a leviandade. Testemunhei-os. No governo Geisel, houve decisão de refazer todo o Diretório Nacional da Arena. Duas vagas Geisel destinou ao Maranhão, uma especificamen-

te para o senador Sarney, que recusou porque para a outra fora indicado para Vitorino Freire, seu desafeto. Geisel então foi além de respeitar sua recusa. Provocou 18 renúncias no Diretório, para preencher uma única a fim de reconvocar o senador e elegê-lo presidente da Arena. Haveria maior prova de apreço ao senador Sarney se os chefes militares não o prestigiassem? Finalmente, outro testemunho vivido por mim. Ao fim das medidas de Geisel para a abertura, haveria que emendar a Constituição, revogando todas as medidas de exceção, particularmente o AI-5. Quem o governo escolheu para relator da Emenda, senão o senador José Sarney?